



MODERNISMO EUROPEU E BRASILEIRO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

MARIA SÁVIA GIUSEPPE MOREIRA

IVI MENDONÇA NASCIMENTO

RESUMO

Este artigo analisa as transformações na Europa do século XIX, com ênfase nas produções culturais do movimento modernista europeu. Em seguida, examina a influência do modernismo europeu no Brasil, destacando a adaptação das ideias modernistas no país. Os objetivos são duplos: compreender o impacto do modernismo europeu e analisar como essas influências foram transformadas no Brasil, enfocando a questão da identidade nacional.

Palavras-chave: Modernismo, Modernidade, Identidade nacional, Sociologia da Modernidade

ABSTRACT

This article analyzes the transformations in 19th-century Europe, with an emphasis on the cultural productions of the European modernist movement. It then examines the influence of European modernism in Brazil, highlighting the adaptation of modernist ideas in the country. The objectives are twofold: to understand the impact of European modernism and to analyze how these influences were transformed in Brazil, focusing on the issue of national identity.

Key-Words: *Modernism, Modernity, National identity, Sociology of Modernity*



Introdução

A modernidade e o modernismo são fenômenos que se entrelaçam não apenas pela proximidade temporal, mas também pela comunicação dialética que estabelecem entre si. As transformações econômicas e políticas desempenharam um papel ativo na reconfiguração dos aspectos culturais e sociais, impactando, de maneira evidente, a arte e a ciência. As inovações estéticas impulsionadas pelo avanço técnico resultaram em um mundo caracterizado por operações racionalizadas e otimizadas, marcando profundamente as manifestações culturais e artísticas do período.

Este artigo busca traçar um paralelo entre os processos de modernização e a modernidade na Europa e no Brasil. Para tal, utilizamos os exemplos principais de Charles Baudelaire e Mário de Andrade, visando desvendar o significado da arte modernista nesses dois contextos ocidentais. Na Europa, o modernismo emergiu com uma racionalização dos processos produtivos, influenciando diretamente os processos sociais. Contrapomos as visões pastorais de Baudelaire, que frequentemente revelam uma perspectiva romântica das mudanças na modernidade, com as obras existencialistas de Franz Kafka, que refletem sobre o caráter individualizante e processual do mundo moderno, criando mundos fantasiosos e absurdistas que exploram o sofrimento existencialista. Kafka, com sua visão penetrante, expõe as angústias e alienações do indivíduo diante das burocracias e sistemas opressores que caracterizam a modernidade europeia.

No caso brasileiro, destacamos Mário de Andrade e sua obra canônica “Macunaíma: o herói de nossa gente”. O objetivo é evidenciar a particularidade do movimento modernista no Brasil, que, diferentemente da Europa e seus balanços existenciais, concentra-se na questão da identidade nacional. As obras modernistas brasileiras abordam a formação de uma identidade única e original, respeitando a heterogeneidade cultural do país. O movimento antropofágico, do qual Mário de Andrade fazia parte, contrapõe-se às teorias tradicionalistas de identidade que definem o brasileiro como um europeu miscigenado ou como um homem rural, caipira. O movimento antropofágico traz à luz um Brasil incoerente e diverso, sustentado em suas próprias contradições.

Mário de Andrade, através de “Macunaíma”, busca encapsular a essência do Brasil, fundindo elementos da cultura indígena, africana e europeia para criar um herói que personifica a miscigenação e a riqueza cultural do país. Sua obra desafia as narrativas simplistas e reducionistas da identidade brasileira, propondo uma visão complexa e multifacetada que abraça as contradições e a diversidade inerente à nação. Através do uso do folclore, da mitologia e da linguagem popular, Andrade constrói um retrato vívido e dinâmico do Brasil,



que contrasta com as visões eurocêntricas predominantes.

O movimento modernista no Brasil, em especial o antropofágico, propõe uma reinterpretação criativa das influências externas, adotando uma postura crítica e seletiva em relação à cultura europeia. Essa abordagem não é meramente mimética, mas sim transformadora, assimilando e reinventando elementos estrangeiros para produzir algo genuinamente brasileiro. O conceito de antropofagia cultural, introduzido por Oswald de Andrade, é central para entender essa dinâmica, por sugerir a devoração simbólica das culturas estrangeiras para fortalecer a própria identidade nacional.

Em suma, ao explorar os processos de modernização e a modernidade através das lentes de Baudelaire, Kafka e Mário de Andrade, este artigo busca iluminar as complexas interações entre arte, cultura e sociedade em diferentes contextos. Na Europa, o modernismo está marcado pela racionalização e pelas ansiedades existencialistas, enquanto no Brasil, ele se manifesta como uma busca vibrante e criativa por identidade e autenticidade cultural.

O modernismo europeu

Para compreendermos o modernismo enquanto movimento cultural no ocidente é necessário que discursarmos sobre a chegada da modernidade e suas transformações sociais e políticas na Europa. David Harvey faz um estudo sobre a base do pensamento moderno: o iluminismo, ao abraçar a ideia do progresso o pensamento iluminista `` saudava a criatividade humana, a descoberta científica e a busca por excelência individual `` (HARVEY, 1989. Pp, 23) em função de um projeto modernizador de racionalização dos processos sociais. A busca pela universalidade, a `` essência humana `` e a homogeneização da moral, conduz a racionalidade iluminista ao projeto da modernidade, entretanto a prática dessa racionalidade atrelada diretamente ao domínio da técnica mostra um lado sombrio, a falta de clareza em relação aos fins do projeto e sua evidência nos meios da ação. A razão iluminista foi tão útil a revolução francesa e sua luta burguesa em nome da liberdade e da igualdade quanto aos campos de concentração alemães que utilizaram da racionalidade técnica para o extermínio em função de seus ideais políticos.

Em função de cumprir o projeto moderno, Harvey argumenta que existiu uma tomada da consciência de que, para interferir da ideologia, era necessário modificar a estética:

Mais ou menos na mesma época, Kant também reconheceu que o juízo estético tinha que ser elaborado independentemente da razão prática (juízo moral) e da compreensão (conhecimento científico), e que formava uma ponte necessária, embora problemática, entre as duas. (HARVEY, 1989.Pp, 28).



O único caminho para a afirmação da agência individual era destruir o antigo mundo e construir um novo a partir de seus destroços, é a partir dessa ideia que surge a noção de ``destruição criativa`` ou ``criação destrutiva``, e é isso que marca o modernismo, enquanto movimento cultural, na Europa. A falta de clareza nos objetivos finais da modernidade cria um looping criativo onde a destruição daquilo que é sólido em função da busca de uma verdade estava sempre em processo. A destruição criativa era uma condição essencial porque dava aos artistas e intelectuais uma função hercúlea de representar aquilo que é ``eterno e imutável`` compreendendo o espírito de sua época, aos mesmo tempo que, a partir da arte, fazia uma tentativa de formar os processos de mudança. O processo de destruição criativa deixava o mundo fragmentado e efêmero porque tentava a todo tempo se desprender de suas antigas noções e abraçar o moderno, ao mesmo tempo, a criação destrutiva vislumbrava todas as possibilidades de mudança e melhoria.

Marshall Berman se debruça sobre as obras de Baudelaire e sua concepção estética da modernidade, os escritos de Baudelaire, a luz da interpretação de Berman, se debruçam sobre a persona do homem moderno, e sua relação com o mundo. O autor separa as obras de Baudelaire em duas fases, o ``modernismo pastoral`` e o ``modernismo antipastoral``, no primeiro Baudelaire produz uma ``visão pastoral que proclama a natural afinidade entre modernização material e modernização espiritual`` (Berman, 1987) nessa fase os escritos do artista cria uma visão da vida moderna fincada em seus avanços materiais, é interessante ressaltar que Baudelaire, nessa época, estava financeiramente abastado a ênfase é importante porque seu estilo de vida pessoal influenciou diretamente suas obras. A ênfase nas produções e avanços tecnológicos representavam o mundo moderno, Berman traz o texto ``o pintor da vida moderna`` onde a vida moderna é representada como um espetáculo de aparições magnificas, o poeta aponta as construções, a moda, as carruagens e o brilho do mundo burguês como decorativos da paisagem harmoniosa da vida nas grandes cidades experienciada por Baudelaire em seus tempos de fartura financeira.

O mundo descrito pelo escritor é tão ironicamente maravilhoso que Berman o compara com uma forma de propaganda ``Caso isso seja, como quer Baudelaire, a ``vida universal``, o que será a morte universal? Aqueles que amam Baudelaire lamentarão que, já que ele estava produzindo material de propaganda, ele tivesse sido pago por isso.`` (BERMAN, 1982.Pp, 133-134) O comentário de Berman vem em conjunto com uma explicação de que existe, de fato, uma gama de escritos modernos que descrevem o mundo de maneira bastante romântica, evidenciando suas características mais estéticas, sempre fincadas nas novidades técnicas e artísticas que a modernidade produzia. É interessante aqui trazer a análise de Harvey sobre a produção cultural do século XIX, mercadificação da arte e o crescente de sua comercialização impunha nos artistas a necessidade de competir na



produção de obras que encarnaram a ideia da destruição criativa

Os artistas, apesar de sua predileção por uma retórica antiestablishment e anti-burguesa, gastavam muito mais energia lutando entre si e com suas próprias tradições para vender seus produtos do que o faziam engajando-se na ação política real. A luta para reproduzir uma obra de arte, uma criação definitiva capaz de encontrar lugar impar no mercado, tinha de ser um esforço individual forjado em circunstâncias competitivas. (HARVEY, 1989.Pp, 31)

Berman aponta que a visão pastoral de Baudelaire às vezes se choca com sua real experiência com o mundo, os textos onde o poeta descreve um desfile militar evidenciando sua beleza, as músicas, a organização, as luzes e todas as decorações, apesar de sua descrição positiva Baudelaire já havia protestado contra os militares pelos acontecidos de 1848 e 1851 na França. Berman evidencia a importância dos desfiles militares para a manutenção da visão pastoral da vida moderna, seus efeitos psicológicos e políticos, teatralizando o militarismo é possível associar a uma imagética de alegria, obediência e, ironicamente, pacificidade.

A visão antipastoral da modernidade de Baudelaire começam a surgir em 1850, ela é marcada por uma retórica reacionária que trata com desdém a ideia do progresso, tão cara a modernidade. Baudelaire tenta expor a confusão moderna entre a ordem material e a ordem espiritual, sua crítica se finca na limitação do progresso e na falsa retórica de sua expansão infinita, para o escritor o avanço da técnica não significava a superação espiritual, sua crítica sobre a fotografia se apoia na negação do caráter puramente mimético da arte, para Baudelaire a arte existe também como forma de superação da realidade.

A modernidade e o modernismo estão intrincados, não só pela sua consonância temporal, mas por sua comunicação dialética, as mudanças econômicas e políticas incidiram ativamente sobre as mudanças no cultural e social e, evidentemente, na arte e na ciência. As mudanças estéticas trazidas pelo avanço da técnica resultaram num mundo de operações racionalizadas e otimizadas. O filme em preto e branco ``tempos modernos`` estrelado Charles Chaplin, reproduz de muitas maneiras os avanços técnicos da época. O fordismo protagoniza o filme em questão de contexto, ao tempo todos vemos maquinas imensas e vários passos para a criação de um produto, também vemos os trabalhadores especializados que se dedicam a função de montar uma parte específica de cada produto. Vemos nessa obra a modernidade em sua estética brutal, máquinas e prédios por todo lado, automação, eficiência e, principalmente, os diversos processos altamente racionalizados.

O filme tem uma disparidade temporal grande demais para tentarmos relacioná-lo ao mundo que Baudelaire descreve, mas está perto o suficiente de Kafka, que escreveu obras que influenciaram bastante o século XX, as obras de Kafka também falam do mundo



moderno, mais especificamente do homem moderno, alguns de seus livros mais famosos são ``O processo`` e ``A metamorfose`` no primeiro o protagonista Josef K. é indiciado por um crime e ordenado a comparecer ao processo que definirá sua pena, o protagonista entra em confusão completa, sequer sabia que tinha cometido um crime, após isso o livro se debruça sobre uma jornada onde o protagonista tenta ávidamente descobrir qual foi seu crime. O crime jamais é revelado, nem mesmo aos leitores, e o protagonista falece ao final do livro sem nenhuma de suas dúvidas respondidas.

Kafka tenta representar o homem moderno em estado de angústia, sufocado pelas paredes de um sistema que desconhece o funcionamento e regulado por leis que não sabe quem promulgou. O livro acompanha o protagonista em busca de seu único objetivo: o entendimento. E, apesar de seus esforços, jamais encontra resposta alguma. O segundo livro. ``a metamorfose`` produz o mesmo sentimento de confusão, a narrativa é sobre Gregor Samsa, um homem trabalhador que acorda um dia e se percebe metamorfoseado num inseto gigante e, apesar da inexplicabilidade da situação, sua família se concentra numa única dúvida cruel: ``como ele vai trabalhar agora?`` Kafka, com seu existencialismo, expressa o absurdo da razão, o deslocamento da atenção do absurdo, o homem moderno engolido pelas estruturas racionais, sua única esperança parece ser a conformação, o abandono da agência e um individualismo paralisante.

O modernismo brasileiro e a questão da identidade nacional

O modernismo brasileiro se difere bastante do modernismo europeu, apesar de ter tido influência das vanguardas europeias, o movimento modernista no Brasil possuía outros significados e objetivos, a arte e em especial a literatura, formaram um movimento de busca da identidade nacional. Brasil começa enquanto colônia portuguesa, é fundado na escravidão e permeado pela invasão das terras indígenas, essa mistura de povos e etnias diversas dá um caráter fragmentado e indeciso a pergunta principal do movimento modernista ``o que é o brasileiro?``. O romantismo, anterior ao modernismo, tomou, em partes, vias naturalistas e para definir o cerne daquilo que é brasileiro utilizava o naturalismo e a figura do indígena enquanto ``centro`` da identidade nacional.

O modernismo vai por outras vias e tenta abarcar a multiplicidade da realidade nacional e de seu povo. As profundas alterações políticas e econômicas experimentadas pelo país do crepúsculo do século XIX até os primórdios da década de 1920, sobretudo no âmbito do Rio de Janeiro, evidenciaram a desilusão daqueles que nutriam a esperança de que a República pudesse, de maneira quase mágica, resolver os dilemas sociais que assolavam



a nação. O fortalecimento das oligarquias, o surgimento e a subsequente decadência de grandes fortunas no tabuleiro financeiro, bem como o desejo veemente de “civilização” em uma capital que almejava refletir padrões brancos e europeus, contrastavam de maneira marcante com a repressão policial que se abatia sobre a miséria urbana, intensificada pelo crescimento populacional acelerado. As metamorfoses urbanas e sociais observadas nesse período aprofundaram ainda mais a lacuna entre os esforços de modernização de um país ávido por integrar-se às novas dinâmicas do sistema econômico global e os desafios internos, representados pela vastidão territorial, pelo desperdício improdutivo de capital estrangeiro, pelo nepotismo, pelo analfabetismo e pelas dificuldades em incorporar, de maneira produtiva, os contingentes de ex-escravos, migrantes e estrangeiros ao aparato produtivo nacional.

É nesse contexto que nasce o modernismo no Brasil, João Lafetá analisa o modernismo enquanto projeto estético e ideológico, a experimentação estética foi revolucionária nos anos 20 mudando a noção de obra de arte enquanto mimesis para a noção de “objeto de qualidade diversa e relativa autonomia” (LAFETÁ, 1974) A principal mudança que converge o projeto estético e ideológico do modernismo brasileiro é a mudança na linguagem, ele rompe com a linguagem bacharelesca que permeava toda a literatura romântica, aliando-se a um léxico experimental e mais atrelado ao folclore da literatura popular. Lafetá argumenta que foi a partir dessa mudança que a “personalidade brasileira” começou a vir a tona.

Um grande marco do modernismo brasileiro foi o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, o manifesto de apoio na ideia da antropofagia e a realizava de maneira simbólica. A antropofagia em si é um tipo de ritual compartilhado por alguns povos originários que se resulta na prática ritualística de comer a carne do inimigo após a batalha, o ato tem um significado espiritual, onde se acredita que ao consumir o inimigo o guerreiro iria se apropriar de suas qualidades, de sua força e sua inteligência. No movimento antropofágico a antropofagia propõe se apropriar da técnica artística construída na Europa para fortalecer a uma construção de brasilidade. A grande sacada do movimento é se apropriar da técnica em função de construir a forma, o modernismo de 1920 possuía um caráter intelectualista que afirmava a dicotomia entre alta e baixa cultura.

O Modernismo brasileiro foi tomar das vanguardas europeias sua concepção de arte e as bases de sua linguagem: a deformação do natural como fator construtivo, o popular e o grotesco como contrapeso ao falso refinamento academicista, a cotidianidade como recusa a idealização do real, o fluxo da consciência como processo desmascarador da linguagem tradicional. (LAFETÁ, 1974.)

Lafetá situa o modernismo brasileiro em sua correlação ao desenvolvimento da economia



capitalismo no país, o quadro econômico-estrutural se torna mais complexo que o sistema do agronegócio direcionado a exportação. A burguesia começa a crescer, assim como a classe média, ocupando os centros urbanos e trazendo consigo o proletariado. As velhas estruturas e relações de poder começam a sofrer mudanças, o tenentismo, a fundação de um partido comunista e um agrupamento pequeno burguês católico e direitista são os acontecimentos que Lafetá aponta como principais na percepção do processo de implementação capitalista e a ascensão da burguesia no país. Nesse momento o modernismo, mas um movimento de volta a tradição, Monteiro Lobato faz parte desse movimento tradicionalista que procura a essência do Brasil no seu período colonial, esse movimento criticava as elites que buscavam uma europeização do país e se afirmavam politicamente em favor dos interesses nacionais. Esse projeto ``neocolonial`` para o Brasil, apesar de ter interesse numa política de modernização e industrialização, não fazia ressalvas sobre as dinâmicas sociais do período colonial que se baseiam principalmente na escravidão. Esse movimento mais tradicionalista do modernismo, em especial Monteiro Lobato, via nos ambientes rurais a identidade nacional, a imagem do ``jeca tatu``.

Outro grande artista e intelectual do modernismo brasileiro que também protagonizou a fase dos anos 20 é Mario de Andrade, sua obra principal é ``Macunaíma: um herói sem nenhum caráter`` no livro acompanhamos as aventuras e peripécias de Macunaíma, um menino muito travesso que passa por diversas situações fantasiosas, vira adulto de um dia para o outro, se torna branco devido a uma fonte mágica e parte com seus irmãos para a cidade de São Paulo. A história é altamente permeada pelo folclore popular com vários personagens conhecidos como o curupira, um personagem muito curioso na obra é o Venceslau Pietro Pietra, um italiano que na história toma forma do gigante Piaimã, o curupira. A obra reúne vários elementos do que se tentava definir como identidade nacional, desde a perpetuação de um racismo intrincado e um desejo por ser europeu que se simboliza com a transformação de Macunaíma, um homem negro. em branco, e sua felicidade pela mudança até a passagem de uma Brasil rural para um Brasil urbano. Macunaíma é exatamente o que diz o título do livro: um herói sem nenhum caráter, sua personalidade é volátil e coincidente às suas vontades momentâneas, Macunaíma nunca está descolado, e raramente se surpreende.

Gilda de Melo faz uma análise profunda do livro Macunaíma, em uma descrição estrutural da obra, Gilda aponta para suas características plurais, uma combinação de textos já escritos por Mário, ``elaborados pela tradição oral, ou escrita, popular ou erudita, europeia ou brasileira`` (SOUZA, 2003.Pp, 10) Gilda analisa originalidade da obra e aponta para o fato de não se propor a ser uma mimesis da realidade, Macunaíma brinca entra mundo objetivo e a ficção, não se preocupa com a descrição objetiva da realidade, tampouco



a totalidade ficcional das estórias lúdicas do folclore popular. A autora aponta para a bricolagem como formativa dessa estrutura, e aponta a relação de Macunaíma com a música popular brasileira. Gilda argumenta que Mário se inspirou na construção da música brasileira para escrever Macunaíma, dois processos das construções musicais Gilda associa a construção de Macunaíma, o processo rapsódico da suíte e a forma da variação. A suíte é quase uma bricolagem musical, é justamente a reunião de várias peças de estruturas musicais distintas, de tipo coreográfico, para formar novas e complexas obras. Essa forma de construção está presente em várias composições brasileiras, os fandangos do sul paulista e os caboclinhos nordestinos são exemplos disso.

Na análise profunda e multifacetada da autora, Macunaíma emerge como uma complexa e multifacetada representação, cuja essência é forjada no cruzamento intrincado de dois sintagmas opostos e simétricos: o local e o estrangeiro. A autora conduz uma investigação minuciosa da produção dos modernistas e de suas proposições estéticas, destacando as nuances sublimes presentes na representatividade figurativa e estética, que permeiam obras voltadas à reconfiguração da temática nacional. Estas obras, além de contribuírem para a consolidação da identidade artística brasileira, estabelecem um diálogo constante e enriquecedor com a produção artística estrangeira. Na visão da autora, a formação artística brasileira se desenvolve sobre uma teia complexa de interações, um processo que encontra em Macunaíma uma expressão bastante eloquente, a obra, visão de Gilda, transita entre o popular e o estrangeiro.

Apesar de afirmar toda a genialidade de Mário e a originalidade de sua obra, Gilda também faz críticas ao núcleo europeizado da obra.

Assim, levando adiante a analogia que venho estabelecendo desde o início entre a música popular e o processo de composição de Macunaíma, pretendo demonstrar nesta terceira parte que, independentemente dos mascaramentos sucessivos que emprestam à narrativa um aspecto selvagem, o seu núcleo central permanece firmemente europeu. (SOUZA, 2003. Pp, 60)

Conclusão

A análise das obras de Charles Baudelaire, Franz Kafka e Mário de Andrade, conduzida ao longo deste artigo, revelou as distintas manifestações do modernismo na Europa e no Brasil, destacando as particularidades culturais e históricas de cada contexto. A modernidade e o modernismo, intrincadamente ligados por transformações econômicas, políticas e sociais, se refletem de maneiras diversas nas produções artísticas dos dois continentes. Na Europa, o modernismo, conforme evidenciado pela obra de Baudelaire,



surge em meio a um cenário de crescente racionalização dos processos produtivos e sociais. Baudelaire, com sua visão pastoral e frequentemente romântica, oferece uma perspectiva que, embora consciente das mudanças modernas, ainda guarda traços de uma sensibilidade nostálgica. Em contraste, as obras de Franz Kafka apresentam uma visão mais sombria e existencialista da modernidade. Kafka explora a alienação e o sofrimento individual frente às burocracias e sistemas opressivos, criando narrativas absurdistas que capturam a essência das angústias modernas.

Por outro lado, no Brasil, o modernismo se manifesta de forma única, centrando-se na questão da identidade nacional. Mário de Andrade, com sua obra “Macunaíma: o herói de nossa gente”, encapsula a riqueza e a diversidade cultural do Brasil. Andrade propõe uma identidade brasileira que respeita e celebra a miscigenação e a heterogeneidade do país. O movimento antropofágico, do qual Andrade fazia parte, desafia as narrativas tradicionais que tentavam definir o brasileiro como um europeu miscigenado ou como um homem rural, caipira. Em vez disso, o movimento antropofágico sugere uma abordagem crítica e criativa, assimilando e transformando influências externas para criar algo genuinamente brasileiro.

A comparação entre os contextos europeus e brasileiros revela que, enquanto o modernismo europeu está marcado por uma racionalização intensa e uma exploração das ansiedades existencialistas, o modernismo brasileiro se apresenta como uma busca vibrante e criativa por identidade e autenticidade cultural. Baudelaire e Kafka representam, respectivamente, a nostalgia romântica e a alienação existencialista da modernidade europeia, enquanto Mário de Andrade e o movimento antropofágico simbolizam a riqueza e a complexidade da identidade cultural brasileira.

Em suma, este artigo destaca como as transformações econômicas, políticas e sociais da modernidade influenciaram as manifestações artísticas de diferentes regiões, resultando em produções culturais que, embora compartilhando um ponto de partida comum, divergem significativamente em suas expressões e objetivos. Através da análise comparativa das obras de Baudelaire, Kafka e Mário de Andrade, foi possível iluminar as complexas interações entre arte, cultura e sociedade, proporcionando uma compreensão mais profunda das especificidades do modernismo na Europa e no Brasil.

A análise das obras de Baudelaire, Kafka e Andrade não só ilumina as especificidades do modernismo em diferentes contextos, mas também revela as estratégias distintas que cada região utilizou para lidar com as rápidas mudanças da modernidade. Na Europa, o modernismo frequentemente refletia uma tensão entre a aceleração da vida moderna e a busca por um sentido mais profundo em meio à alienação crescente. Baudelaire, com sua sensibilidade estética refinada, e Kafka, com suas narrativas de absurdo existencial,



representam essas tensões de maneiras únicas e complementares, oferecendo uma crítica ao processo de modernização que muitas vezes desumanizava os indivíduos.

No Brasil, o modernismo emergiu como uma resposta criativa e afirmativa às mesmas forças de modernização. Mário de Andrade, através de “Macunaíma”, não apenas celebra a diversidade cultural do Brasil, mas também questiona e reconfigura as identidades impostas pelas narrativas coloniais e eurocêntricas. O movimento antropofágico, em sua essência, é uma manifestação de resistência cultural, propondo uma assimilação seletiva e transformadora das influências estrangeiras para fortalecer a identidade nacional. Esse processo de “devoração” simbólica é uma forma de reapropriação e reinvenção, permitindo que o Brasil criasse uma voz literária e cultural única, profundamente enraizada em sua própria realidade.

A riqueza desta análise comparativa reside na demonstração de como contextos diferentes podem gerar respostas culturais e artísticas distintas diante de desafios semelhantes. Enquanto a Europa respondia à modernidade com uma introspecção existencialista e uma crítica às estruturas opressivas, o Brasil optava por uma celebração da pluralidade e uma reinterpretação criativa das influências externas. Esta dinâmica ressalta a importância de considerar os contextos culturais e históricos específicos ao analisar movimentos artísticos, evidenciando que a modernidade e o modernismo, embora fenômenos globais, se manifestam de maneiras profundamente locais. Assim, este estudo não apenas contribui para uma compreensão mais rica do modernismo em suas várias formas, mas também para uma apreciação mais ampla das complexas interações entre arte, cultura e sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. *Macunaíma-O herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987.

BENJAMIN, W. 1975. ‘Franz Kafka’. In *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

BERMAN, Marshal. ‘Baudelaire e o Modernismo nas Ruas’. In *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo, CIA das Letras, 1987.

HARVEY, David. ‘Modernidade e Modernismo’. In *Condição Pós-moderna*. São Paulo, Edições



Loyola, 2001.

LAFETÁ, João Luiz. 1930: A CRÍTICA E O MODERNISMO. 2. ed. [S. l.]: Editora 34, 1974.

ROCHA, João C. Antropofagia hoje? São Paulo, É Realizações Editora, 2011. “Introdução”, “Manifesto da poesia Pau-Brasil”, “Manifesto Antropófago” (Parte I).

SOUZA, Gilda de M. O tupi e o alaúde. São Paulo, Editora 34, 2003. Parte II e II.